



## UMA POÉTICA DA DISSONÂNCIA

a propósito de *Anjo Tigrado*, *Sibilitz*, *Assim*, *Argumentos invisíveis* e *Chinês com sono*, de  
Leonardo Fróes

Fábio Chadid Vasconcelos<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar a perspectiva dissonante na poesia de Leonardo Fróes, tendo em vista os motivos da espacialidade urbana, do mundo vegetal e da percepção sensível circunscritas às obras *Anjo Tigrado* (1975), *Sibilitz* (1981), *Assim* (1986), *Argumentos invisíveis* (1995). Além disso, ao abordar a lírica da natureza e do pensamento vegetal, poéticas insurgentes e urgentes que não se encerra na sua dimensão estética, mas também como voz inclinada a permear a poética da contemporaneidade. Leonardo Fróes foi vencedor do Prêmio Jabuti em 1996 –, e *Chinês com sono* (2005). O escritor, nascido no Rio de Janeiro (RJ) e hoje residente em Petrópolis, é jornalista, poeta, editor e tradutor de diversas línguas. No âmbito da criação poética, Fróes publicou *Língua franca* (1968), *A vida em comum* (1969), *Esqueci de avisar que estou vivo* (1973), *Anjo tigrado* (1975), *Sibilitz* (1981), *Assim* (2019), *Argumentos invisíveis* (1995), para citar apenas algumas produções de sua vasta bibliografia criativa.

**Palavras-chave:** Leonardo Fróes. Poesia Vegetal. Dissonância. Poesia contemporânea.

### 1 INTRODUÇÃO

Pretende-se apresentar neste autor a existência de uma *dissonância poética*, compreendida, nesse contexto, como uma instabilidade rítmica, imagética e sonora, instaurada na construção da linguagem e dos sentidos críticos que o texto solicita, criando um deslocamento dialético – entre som e sentido, como evidenciaremos logo a seguir. Ainda nesse âmbito conceitual, faz-se necessário apontar o significado do termo dissonância, que indica ausência de harmonia na produção dos sons – palavra inicialmente tomada de empréstimo da música –, mas que, na poética pesquisada, aponta também para aspectos tensionados, como o espaço urbano e o vegetal.

Theodor Adorno, em sua *Teoria estética* (2008), explica que a dissonância pode ser compreendida com termo técnico para a recepção, pela arte, do que é designado como feio pela estética e pelo senso comum: “o que quer que ela seja, ela deve compor ou poder compor um momento da arte”. Em Fróes, pretende-se partir em parte desse conceito, para sustentar a

---

<sup>1</sup> Professor e doutorando em Estudos Literários (UFMG).



hipótese de que a dupla espacialidade gera também uma tensão circunscrita não ao feio, mas ao horror, à violência do progresso em contraposição à natureza, como esse momento da arte. Uma poética dissonante, portanto, é aquela que se inscreve no centro de uma crise, também formal, produzida por um sujeito em movimento e por imagens que esteticamente apontam para questões próprias da contemporaneidade: daí também, em algum momento em nossos estudos, dissertaremos também sobre o conceito de deambulação, pois a própria paisagem passa a ser um ponto de vista.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Em Fróes, tal concepção pode ser visualizada na dicotomia entre natureza e cidade, entre destruição e salvaguarda, entre cisão e fusão de tempos nos trajetos pelos quais circulam pessoas que observam monumentos derruídos e o nascer da vegetação. Em seu artigo intitulado “Um detalhe na paisagem”, publicado na revista *Serrote* em 2017, o autor apresenta o seguinte:

Admite-se que o canto humano, isto é, a poesia em seu estado larvar, como pura expressão individual de deleite, como estímulo cadenciado para corpos reunidos em trabalhos grupais ou como fórmulas propiciatórias de encantamento ou magia, tenha surgido nos primeiros tempos da espécie, quando a cisão entre a paz do campo e o estratagema defensivo da cidade murada ainda nem ameaçava existir. Apesar dessa origem presumida, é fato inquestionável que desde séculos bem recuados da escrita, como versículos do Velho Testamento ou as impiedosas sátiras de Juvenal atestam, a poesia também se ergueu como arma para se contrapor aos excessos que a própria civilização impunha às pessoas. (Fróes, 2017, n.p).

Fica sinalizado no excerto que produzir poesia, em certa medida, é também uma reação à própria civilização, uma cisão que paradoxalmente aparece como mote à produção criadora de imagens, sons e sentidos, nesse contínuo atravessamento entre as duas espacialidades. No Poema “A um ex-hotel”, de *Chinês com sono*, nota-se o que denominamos de dissonância criativa. Nele, um hotel urbano deixa de figurar como monumento concreto na memória para ceder lugar ao mato, à *natureza em sentido larvar*. Leia-se:

Já não se assiste ao lufa-lufa das malas  
confiadas a carregadores sonâmbulos.  
Não se houve a conversa dos talheres  
Interrompida pela mastigação dos hóspedes.  
Tudo isso acabou no esquecimento.  
Não há portas cortinas, corredores, escadas,



camas ragentes nem lençóis impecáveis.  
Quase nada ficou do hotel de outrora,  
Além da tabuleta obsoleta caindo  
de podre no inexistente portão.  
Nada de secreto rumor, senão raízes.  
Nem mesmo aquele cheiro de hotel, somente mato.  
(FRÓES, 2021, p. 336).

Nesse sentido, como o próprio poeta destaca em “Um detalhe da paisagem”, as imagens revelam-se nos destroços do antigo hotel, que parece se dissolver como matéria orgânica para nutrir as raízes. Decorre disso outras imagens: as raízes e o mato. Tece-se, desse modo, uma crítica à ideia de progresso, pois a vegetação insiste em permanecer, a despeito da destruição humana. A dissonância então se cria como esse espaço como forma de confronto, que tensiona a civilização moderna e sua capacidade de destruição.

Em *Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta* (2020), no artigo intitulado “Dissonâncias vegetais: entre roças e tratados”, de Laure Emperaire, a pensadora discorre sobre a relação do indígena residente nas cercanias do rio negro mato-grossense com a roça, local de manutenção e plantio de espécies vegetais. Para ela, dois conceitos contribuem para a manutenção e para a existência da roça para os nativos: a completude do bem-estar da família e a diversidade de espécies:

Na perspectiva indígena do rio Negro, as mandiocas, com suas diversas qualidades, têm vida própria: elas se reúnem, organizam festas com seus instrumentos de música (o tambor, um opuntia), cuidam de si mesmas com remédios próprios, têm suas andanças fugindo de uma roça onde são maltratadas para ir a outra mais acolhedora, têm plantas aliadas (tajás ou cajus que suprem a sede), têm sociabilidades.  
(EMPERAIRE, 2020, p. 61).

Se para Emperaire, a relação do indígena com o mundo vegetal estabelece-se a partir de uma visão em que as plantas possuem uma vida própria, na poética de Fróes o que se vê, muitas vezes, é uma complementaridade em que o mundo vegetal também possui esse mesmo *modus operandi*, porém, afeta-se pelo contraste do deslocamento do indivíduo entre centros os urbanos e a roça. A poesia *em estado larvar*, conforme assinala o nosso poeta, indicaria, pois, essa necessidade de colher *plantas, insetos e outros bichos* em meio ao que se configura como construção e destruição contínua. O poema “A um ex-hotel” bem tensiona essa relação, num poema composto 12 versos (10 deles descritivos do passado). Nos 10 iniciais, descrevem-se as ruínas, os excessos, as lembranças de um espaço que recebia viajantes, turistas bem acomodados em meio a lençóis *impecáveis*. Eis que, nos dois versos finais, surge o elemento



dissonante, a imagem refratária, resistente às ruínas: a paisagem vegetal, ainda que em fase de reelaboração.

Pensar a natureza, portanto, seria um processo de desterritorialização, e a palavra auxilia nesse processo: nomeia o que não é nomeado. A esse respeito, leia-se um fragmento de *Sibilitz* (1981), intitulado “Um amor de jardim”:

Vontades subversivas como a de abrir a portinhola da jaula e libertar o leão, uma relativa fobia das multidões exaltadas e hábitos adquiridos na roça como o de falar para as plantas e ouvir o que elas têm a dizer estão entre as muitas características que nos tornam um pouco diferentes das pessoas daqui. (...) (FRÓES, 2021, p. 142).

Nesse texto, observa-se a mesma poética em dissonância apontada anteriormente, pois o urbano se apresenta como pano de fundo a ser criticado: há um zoológico que aprisiona um leão e uma multidão exaltada, distintamente dos hábitos da roça. Assim, dois espaços são evocados, mas é a natureza que surge com sua capacidade de saber escutar e saber dizer, tornando possível a interlocução que permite separar os ouvintes (a própria paisagem natural) como seres sensíveis à natureza. Aqui, não se trata de uma mera personificação, mas de dar às plantas aquilo que é das plantas, ou seja, a própria sensibilidade. Na poética de Fróes, a natureza se manifesta a partir da diversidade de formas, seja por meio da contemplação, da simbiose do homem com mundo vegetal, seja por meio de sinais que levam o sujeito a uma suspensão epifânica da própria existência ou até mesmo a natureza como cultura.

Na poética de Fróes, o que se vê é a proposição de um olhar que sente a metamorfose das plantas, tendo em vista as manifestações propriamente físicas, quando as plantas imitam os ambientes que as rodeiam, seja de forma real, seja por meio de palavras que se materializam na cosmovisão do poeta. Por outro lado, a manifestação poética de outra forma mimética está presente quando a planta imita o ser vivo, seja no comportamento ou nas cores. Essa poética dinâmica do mundo vegetal se torna mais evidente no poema “Ciência Sapal”, presente na em *Sibilitz* (1981):

Ciência Sapal  
Quando eu fui para cima tinha um sapo na estrada.  
Eu achei que ele estava muito achatado.  
Quando eu vim para baixo o sapo tinha  
Mudado de lugar e eu achei ele muito  
Normal. Entre estas duas convicções tive medo  
de existir um sapo, ou melhor, de ter sido eu  
o culpado pelo sapo achatado  
que eu poderia ter esmagado com o carro  
quando isso não aconteceu como se viu depois.



(FRÓES, 2021, p. 132)

Neste poema, instaura-se um conflito entre a voz poemática e o animal inserido em habitat natural, pois há a dúvida de ter sido o possível responsável por ter atropelado um sapo. Porém, entre o fato e a dúvida, tem-se a percepção de que o sapo foi achatado pelo carro. A dúvida é desfeita quando o bicho estava muito *Normal*, conforme se lê. Portanto, nesse poema, sugere-se um processo de fusão entre sapo e ambiente, o que o sujeito à dúvida.

### 3 CONCLUSÃO

Importante destacar, por fim, que essa pesquisa tem como ponto de destaque e de diferencial essa imersão para as imagens dissonantes, a partir da concepção de dissonância, que se ergue, muitas vezes, por meio da estrutura, dessa tensão dialética entre forma e sentido. A construção semântica de um poema, principalmente em Leonardo Fróes, só pode ser configurada dessa maneira, quando se volta, ou quando se analisa, conjuntamente, o que emana do modo de operar a linguagem, como um composto de significado e de significante.

### REFERENCIAL

ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Ed. 70, 2008.

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas cidades/Ed. 34, 2008.

FROES, Leonardo. *A natureza: a arte de plantas*. Recife: Cepe Editora, 2021

FRÓES, Leonardo. *Poesia Reunida (1968-2021)*. São Paulo: Editora 34, 2021 (1ª Edição). 424 p.

FRÓES, Leonardo. Um detalhe na paisagem. *Revista Serrote* (2017). Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2017/10/um-detalhe-na-paisagem-por-leonardo-froes/>.

Acesso em 10 de janeiro de 2023.

MACUSO, Stefano. *Revolução das Plantas*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.